

ANÁLISE DO EFEITO COATTAIL DO PT UTILIZANDO MODELOS ECONOMÉTRICOS ESPACIAIS

Analysis of the effect coattail of PT using spatial econometric models

Natalia Maciel

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ)

✉ nmaciел@iesp.uerj.br

Resumo: O presente estudo tem como objetivo verificar se existe um efeito coattail para a votação de deputados federais do PT. Para isso, modelos econométricos espaciais são elaborados a fim de analisar a influência da imagem do candidato à presidência, da presença anterior de governadores deste partido, da votação dos candidatos a governador no pleito em análise e indicadores sociais, na votação para deputados federais. Os resultados encontrados indicam que a votação para presidente é fator importante para votação de deputados federais enquanto o partido esteve na oposição; uma vez no governo, a presença do governador do PT passa a ter um papel mais relevante.

Palavras-chaves: deputados federais; Partido dos Trabalhadores; efeito coattail.

Abstract: The present study aims to determine whether there is a coattail effect for the vote of deputies from the PT. For this reason, spatial econometric models are developed to analyze the influence of the image of presidential candidate, the presence of former governors, the vote for governor candidates and social variables, in the vote for federal deputies. The results indicate that the vote for president is important for the vote for deputies while the party was in opposition; once in government, the governor of the PT has a more important role.

Key words: federal deputies; Partido dos Trabalhadores; coattail effect.

Introdução

A expansão eleitoral crescente do Partido dos Trabalhadores (PT) mostra-se contínua desde a década de 1990 e vem se consolidando, principalmente após a conquista da Presidência da República por Luís Inácio

Lula da Silva em 2002. A moderação do discurso, as mudanças da estrutura interna do partido, a instalação de novos diretórios por todo o Brasil, as concessões e alianças políticas que o PT realizou para as eleições presidenciais, podem ser destacadas como estratégias do partido para a expansão de sua base eleitoral (TERRON, SOARES, 2010).

Além destas estratégias particulares do PT, não deve ser ignorado o fato de que a imagem de um partido uma vez no governo por si só é responsável por uma maior visibilidade e proximidade da sigla ao eleitorado, o que lhe traz retornos eleitorais. Assim ocorreu com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) que ao longo do período em que esteve no governo federal beneficiou-se com o aumento da bancada na Câmara dos Deputados (subindo de 38 cadeiras em 1990 para 63 em 1994, aumentando para 99 em 1998), da votação para governadores de estado e para prefeituras¹.

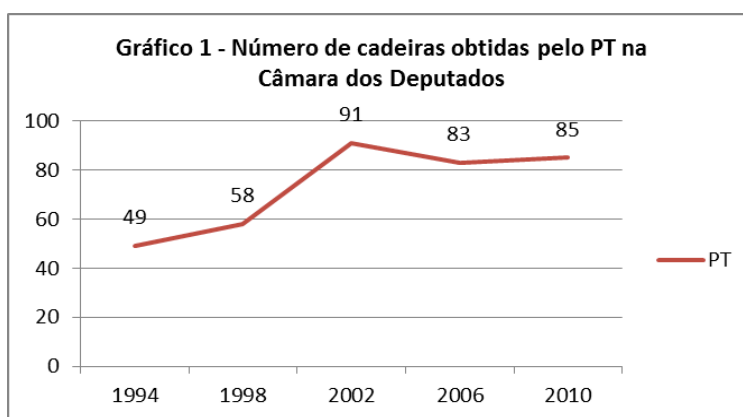
No caso do PT, particularmente quanto ao pleito presidencial de 2006, a literatura trata a importância do programa de distribuição de renda Bolsa Família para a reeleição de Lula e para interiorização de suas bases eleitorais (NICOLAU, PEIXOTO, 2007; SOARES, TERRON, 2008; ZUCCO, 2008; TERRON 2009). Contudo, Zucco (2008) argumenta que não apenas o programa Bolsa Família possibilitou a expansão das bases eleitorais de Lula para as áreas menos desenvolvidas do norte e nordeste do Brasil, afastando-o do sul mais desenvolvido, mas também a existência de um eleitorado pró-governo característico das áreas menos desenvolvidas do país.

O autor argumenta que existe um padrão no eleitorado brasileiro em que a oposição ao partido do governo localiza-se nas capitais e nas regiões mais desenvolvidas, enquanto o eleitorado pró-governo estaria nos grotões (ZUCCO, 2008). Segundo Zucco (2008) este padrão cíclico foi observado no

¹ Estes dados foram retirados do Banco de Dados de Jairo Nicolau. Detalhes sobre dados eleitorais ver Banco de Dados de Jairo Nicolau. Acessível em: <http://jaironicolau.iesp.uerj.br>. Acesso em 17 de abril de 2012.

país nas últimas duas décadas; o PMDB começou a crescer nas grandes cidades e, quando se tornou o partido do governo na década de 1980, se expandiu para as regiões menos desenvolvidas. Na década de 1990 este padrão é observado para o PSDB. Desta forma, para Zucco, “segundo a lógica, faz sentido que Lula faça incursões nos grotões, enquanto a oposição a ele deva ser mais forte entre as classes médias” (ZUCCO, 2008).

No entanto, este trabalho pretende investigar o aumento da bancada do PT na Câmara dos Deputados. Muito já se discutiu com relação aos determinantes do voto de Lula, porém ainda existe uma lacuna com relação ao sucesso eleitoral dos candidatos à deputado federal. O gráfico 1 abaixo mostra a evolução no número de cadeiras do PT na Câmara dos Deputados nas últimas cinco eleições. O ápice coincide com a primeira eleição de Lula, o que indica um efeito *coattail* da votação do presidente sobre a votação de deputados federais, ou seja, supõe-se que o eleitor que tinha como preferência o candidato a presidente do PT tendia a votar em um candidato a deputado federal da mesma sigla. O gráfico 1 também revela que, apesar da queda de cadeiras na Câmara em 2006 e a ligeira recuperação em 2010, o PT manteve sua bancada em patamares melhores do que os da década de 1990.



Fonte: TSE e Banco de Dados de Jairo Nicolau

Pretende-se responder as seguintes questões: 1) É o candidato à presidente que “puxa” a votação dos deputados federais? 2) A presença de um governador do estado do PT em mandato imediatamente anterior ao pleito tem alguma influência na votação para o cargo em análise? 3) Pode-se falar em um efeito *coattail* direto (o candidato à presidência “puxa” a votação para deputado federal) e um indireto (o candidato à presidência “puxa” a votação candidato à governador que, por sua vez, “puxa” a votação dos deputados federais)? 4) As políticas de transferência de renda trazem ganhos eleitorais também para os deputados? 5) O padrão do eleitorado descrito por Zucco (2008) também pode ser observado para o cargo de deputado federal?

Para responder a estas perguntas recorre-se à metodologia de análise espacial, mais especificamente às regressões espaciais. Elaboram-se modelos econométricos espaciais a fim de se compreender a lógica da votação para o cargo de deputado federal do PT. A escolha desse tipo de modelo alinha-se com o argumento de Agnew (*apud* TERRON, 2009) para o qual haveria várias “geografias” do voto, que são construídas de baixo para cima. O voto é o resultado dos processos locais e é influenciado pelo ambiente, pela vizinhança, e não são determinados unicamente por padrões nacionais ou regionais. A perspectiva do contexto-como-lugar de Agnew dá destaque ao ambiente geográfico dos eleitores e candidatos “ao invés de atribuir causas universais ao comportamento político” (TERRON, 2009).

Neste sentido, os modelos econométricos espaciais aqui analisados dão peso à vizinhança dos municípios, que são as unidades territoriais desta análise². Nas regressões espaciais adiciona-se uma matriz para capturar o

² A malha territorial em que é elaborada a matriz de vizinhança é do ano de 2007 e conta com 5564 municípios. Para os municípios criados após este ano foi feita uma adaptação em que os dados do município de origem são repetidos para o novo município. No caso de municípios com mais de um município de origem, foram repetidos os dados do primeiro município de origem uma vez que a variação dos dados para cada um dos municípios (o criado e os de origem) é muito pequena. O método de sistematização dos dados é o mesmo feito por Terron (2009). No entanto, para municípios criados a partir de mais de um município de origem, Terron atribui à nova unidade criada a média dos dados dos municípios de origem.

efeito da vizinhança sobre a análise³. Espera-se dar peso, desta forma, às variações geográficas nas decisões de voto para deputado federal do PT, o que já foi anteriormente feito para as eleições presidenciais⁴.

Análise dos modelos de regressão espacial

O primeiro modelo econométrico analisado abarca múltiplas variáveis, sendo a variável dependente a votação para deputado federal. Busca-se compreender a importância da votação dos cargos de presidente e governador (como variável independente)⁵ sobre o cargo em investigação, ou seja, busca-se compreender em que medida a votação para um desses cargos influencia (positivamente ou negativamente) o pleito que está sendo analisado e se é possível verificar um efeito *coattail* de um cargo sobre outro.

Também foram incluídos como variáveis independentes fatores sociais como taxa de urbanização, porcentagem de população pobre, montante de transferência governamental recebido, montante de renda proveniente do trabalho e o índice de desenvolvimento humano por município. Ao se incluir variáveis sociais busca-se delinear as características do eleitorado do partido para o cargo de deputado federal. Desta forma, será possível verificar se o eleitorado dos deputados do PT tem um perfil semelhante ao do presidente. Sabe-se que houve um distanciamento entre as bases de Lula e do PT a partir de 2006 (TERRON, SOARES, 2010), porém, vale investigar se estas bases

³ Tendo em vista a limitação do espaço, não será possível detalhar como é elaborada a matriz de vizinhança, como é feita a escolha do método de regressão espacial utilizado e como deve ser feita a escolha entre o método de regressão clássica e o método de regressão espacial. Para detalhes sobre o tema ver Terron (2009), apêndice A2.

⁴ Para mais detalhes sobre o uso de modelos econométricos espaciais para as votações de Lula ver Soares e Terron (2008) e Terron (2009).

⁵ Os dados da porcentagem de votação para presidente de 1994 à 2006 foram gentilmente cedidos por Sonia Terron. Os dados da votação de governador de 1994 à 2010 foram cedidos pelos Cebrap. As votações para presidente em 2010 e as votações para deputado federal foram coletados no site do Ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br>). Os dados sobre os governadores eleitos foram coletados do site de Jairo Nicolau (<http://jaironicolau.iesp.uerj.br>). Os indicadores sociais são do Atlas DH 1991 e 2000 e também foram cedidos por Sonia Terron.

realmente coincidiam quando o partido se encontrava na oposição e se este distanciamento se mantém com a eleição de Dilma.

Além disso, busca-se verificar se a hipótese de Zucco (2008), de que as áreas menos desenvolvidas tendem a votar no partido do governo, é observável não só para os pleitos presidenciais, mas também para o cargo de deputado federal e governador.

A tabela 1 mostra os coeficientes de regressão espacial para o primeiro modelo, o qual tem como variável dependente a votação para deputado federal do PT.

Tabela 1 – Análise da votação para deputado federal do PT⁶

	1994 (lag)	1998 (error)	2002 (lag)	2006 (lag)	2010 (error)
R ²	0,52	0,50	0,56	0,24	0,21
PPT	0,27 (***)	0,24 (***)	0,24 (***)	0,09 (***)	0,10 (***)
TXURB	- 0,0003(****)	0,02 (***)	-0,04 (****)	-0,04 (***)	-0,02 (***)
POBRE	0,004 (****)	0,028 (***)	-0,001 (****)	-0,06 (***)	-0,04 (***)
RTRAB	-0,02 (***)	-0,02 (****)	-0,04 (***)	-0,04 (****)	0,01(****)
RGOV	-0,11(****)	-0,14 (***)	-0,13(****)	-0,16 (***)	-0,06 (*)
IDHM	5,1 (***)	-1,05 (****)	9,4 (***)	14,9 (***)	6,37 (***)
GPT	0,2 (***)	0,24 (***)	0,32 (***)	0,25 (***)	0,18 (***)
DUPT	—†	1,84***	2,9***	-0,96*	4,38***

† não foram coletados os dados de presença de governador para este ano

**** não significativo

*** p < 0,01

** p < 0,05

* p < 0,1

Onde:

- PPT = porcentagem da votação para candidato à presidência do PT por município.

⁶ Os modelos analisados neste trabalho não tiveram melhora considerável ao se retirarem as variáveis não significativas. Portanto, optou-se por explorar na análise os primeiros modelos rodados com todas as variáveis.

- TXURB = taxa de urbanização por município (dados do Atlas DH 1991 para os anos de 1994 e 1998, e do Atlas DH 2000 para os demais anos)
- POBRE = porcentagem de população pobre por município (dados do Atlas DH 1991 para os anos de 1994 e 1998, e do Atlas DH 2000 para os demais anos)
- RTRAB = porcentagem de renda proveniente do trabalho por município (dados do Atlas DH 1991 para os anos de 1994 e 1998, e do Atlas DH 2000 para os demais anos)
- RGOV = porcentagem de renda proveniente de transferências governamentais por município (dados do Atlas DH 1991 para os anos de 1994 e 1998, e do Atlas DH 2000 para os demais anos)
- IDHM = índice de desenvolvimento humano por município (dados do Atlas DH 1991 para os anos de 1994 e 1998, e do Atlas DH 2000 para os demais anos)
- GPT = porcentagem da votação para candidato à governador do PT por município
- DUPT = *dummy* de presença anterior de governador do PT; 1 = presença de governador do PT no mandato imediatamente anterior ao pleito; 0 = ausência de governador do PT.

A leitura dos resultados dos modelos de regressão espacial é feita exatamente da mesma forma que os de regressão clássica. O coeficiente de determinação R^2 mede a relação da variável dependente com todos os outros regressores, fornece informação sobre a qualidade do ajustamento e é interpretado como a proporção da variação dos dados que é explicada pelo modelo. A tabela também informa os coeficientes de cada variável

independente que, assim como na regressão clássica, devem ser interpretados mantendo todas as demais variáveis fixas, ou seja, constantes (*ceteris paribus*). Os asteriscos indicam o nível de significância alcançado em termos da probabilidade p e são relacionados abaixo da tabela.

As indicações entre parênteses ao lado dos anos indicam o tipo modelo de regressão espacial utilizada após os testes para o diagnóstico de dependência espacial⁷, sendo eles os modelos de deslocamento (*lag*) e de erro (*error*). O modelo de deslocamento “sugere que a dependência espacial decorre de algum nível de interação social capaz de gerar, por um processo de difusão, comportamento semelhante em municípios próximos ou vizinhos”. Já o modelo de erro indica que a dependência espacial pode “ser decorrente de fatores estruturais dos municípios em conjunto ou isolados” (TERRON, 2009).

Observa-se que o modelo explica mais de 50% do ajustamento dos dados para os três primeiros pleitos analisados, chegando a 56% no ano de 2002, coincidindo com o ano em que o candidato à presidência do partido, Lula, é eleito. Após este ano as proporções diminuem, provavelmente por conta do episódio de corrupção do mensalão que minou a imagem da bancada do PT; além da já comprovada independência espaço-temporal das votações de Lula e dos candidatos a deputado federal deste partido a partir do ano de 2006, o que resultou no distanciamento entre as bases eleitorais de Lula e do PT a partir deste ano (TERRON, SOARES, 2010).

Os coeficientes das votações para presidente e governador não variam fortemente de 1994 a 2002; contudo, como será possível observar nos próximos modelos, para este mesmo período existe uma relação mais forte entre a votação de deputados federais e de presidente do que entre a votação de deputados federais e governador. Esta tendência será alterada a partir de 2006,

⁷ Idem de nota 3

quando ocorre o distanciamento entre a imagem de Lula e do PT (TERRON, SOARES, 2010).

Nos anos de 1994 a 2002, para cada 1% de aumento na votação para presidente do PT, mantidas as demais variáveis constantes, é possível observar um aumento de, em média, 0,25% na votação para deputado federal deste partido. Esta mesma porcentagem média para a votação de deputado é observada para a votação de governador do PT, *ceteris paribus*.

Para melhor captar as relações entre a votação para deputado federal e presidente e entre deputado federal e governador do PT foram feitos dois modelos de regressão espacial simples no qual a votação deste primeiro cargo é a variável dependente. As duas tabelas a seguir mostram os resultados obtidos.

Tabela 2 – Regressões espaciais simples com votação para deputado federal do PT como variável dependente e presidente como independente

	1994(lag)	1998(lag)	2002(lag)	2006(error)	2010(error)
R ²	0,44	0,41	0,37	0,003	0,007
PPT	0,35 (***)	0,35(***)	0,45(***)	0,01(***)	0,06(***)

*** p < 0,01

Tabela 3 – Regressões espaciais simples com votação para deputado federal do PT como variável dependente e governador como independente

	1994(lag)	1998(lag)	2002(lag)	2006(lag)	2010(error)
R ²	0,33	0,38	0,48	0,20	0,18
GPT	0,36(***)	0,39(***)	0,45(***)	0,24(***)	0,22(***)

*** p < 0,01

Comparando as duas tabelas é possível verificar que o ajustamento dos modelos da tabela 2, em que a votação para presidente é a variável independente, entre o período de 1994 a 2002 é relativamente maior que nos modelos da tabela 3, que tem a votação para governador do PT como

regressor. Demonstra-se, assim, uma relação maior entre a votação de deputado federal e de presidente.

No entanto, deve-se destacar que os coeficientes das *dummies* do modelo 1 (tabela 1) que pesam a presença de governador do PT em mandato imediatamente anterior ao pleito são crescentes, apesar do coeficiente de 2006 apresentar significância estatística um pouco menor. Em 1998 o coeficiente era de 1,84; aumentando gradativamente até chegar a 4,38 em 2010. Desta forma, apesar do peso da votação para presidente, a presença do governador do PT não deve ser ignorada para o sucesso eleitoral dos candidatos a deputados federais do partido.

Ao focar nos anos de 2006 e 2010, no entanto, observa-se uma queda no ajustamento do modelo, com coeficientes de 0,24 e 0,21 no modelo 1 (tabela 1) para cada ano respectivamente. Esta queda é também observada nos coeficientes de votação para presidente do PT neste mesmo modelo. Ao se observar os modelos de regressão simples da tabela 2 verifica-se um ajustamento praticamente nulo para os anos de 2006 e 2010. Como anteriormente explicado, a queda destes coeficientes está relacionada ao distanciamento das bases de Lula e dos deputados federais do PT, como observaram Terron e Soares (2010).

Após a análise geoespacial dos territórios eleitorais e as regressões espaciais das votações para presidente e deputado federal do PT, que inclui na análise a importância do programa Bolsa Família para essas votações, Terron e Soares (2010) observam que este programa foi responsável pela abrupta guinada da base eleitoral de Lula para o norte e nordeste. Este programa, segundo os autores, criou um vínculo maior entre eleitor e presidente sem a intermediação de outros atores políticos.

A inclusão da variável independente Bolsa Família nos modelos de regressão melhorou o desempenho do modelo de Lula; contudo, não melhorou a performance do modelo dos deputados federais do PT. Terron e Soares (2010) observam também que a relação entre as votações de Lula e do PT (deputados federais) mantém-se baixa em 2006. Os autores destacam que os escândalos de corrupção afetaram mais o partido do que a Lula, “que criou uma camada de teflon para a sua própria proteção, e aí está, possivelmente, uma parte que faltava na equação que explica o abrupto divórcio entre as bases eleitorais e a criação do *lulismo*, em 2006” (TERRON, SOARES, 2010). O modelo elaborado neste trabalho confirma estes achados e mostra que a interação entre a votação de Dilma e dos deputados federais do PT permanece baixa em 2010.

Interessante observar na tabela 3 que também existe uma queda no ajustamento do modelo que verifica a interação entre votação de deputados federais e governadores nos anos de 2006 e 2010. Esta queda, apesar de significativa, não é tão abrupta como a observada na tabela 2. Supõe-se que outros cargos, além dos de deputado federal, possam ter sido atingidos pelo escândalo do mensalão, o que poderia reforçar a hipótese de que o PT foi afetado, porém não Lula.

A partir das regressões simples conclui-se que, a partir de 2006, a relação entre a votação de deputados federais e governadores passa a ser maior que entre a votação deste primeiro cargo e a de presidente, alterando o quadro observado entre 1994 e 2002. Provavelmente os candidatos a governador do PT passaram a se beneficiar eleitoralmente das transferências do governo para o seu estado a partir de 2006. Mais fortalecidos que os deputados federais, e levando em conta o afastamento das bases eleitorais do presidente e dos deputados, os governadores podem ter começado a se tornar os mediadores

entre as localidades e os deputados federais, substituindo o presidente no papel de “puxador” de votos dos deputados a partir de 2006. Esta hipótese deverá ser testada em próximos estudos⁸.

As relações entre a votação para deputado federal do PT e os indicadores sociais mostram uma tendência distinta da que Zucco (2008) observa para a votação de presidente. No período em que o PT era oposição, nos anos de 1994 e 1998, a taxa de urbanização não se mostrou uma variável relevante para a análise. Em 1994 o coeficiente não alcança significância estatística e em 1998 o aumento em 1% da taxa de urbanização representa um aumento de apenas 0,2% na votação para deputado federal do partido, mantidas as demais variáveis constantes. Os coeficientes se tornam negativos a partir de 2006, o que indica a tendência a um eleitorado menos urbanizado nestas eleições. Contudo, os coeficientes são baixos e caem de 2006 para 2010.

Quanto à porcentagem de população pobre, esta variável nada revela até 2002, uma vez que o único coeficiente estatisticamente significativo, o do ano de 1998, é praticamente nulo. Nos anos de 2006 e 2010 os coeficientes são negativos, porém baixos. Isto quer dizer que quanto maior a porcentagem de população pobre, menor a probabilidade de se votar em um candidato a deputado federal do PT.

O índice de desenvolvimento humano por município confirma de forma mais clara a tendência observada quanto a porcentagem de população pobre. Com exceção de 1998, ano no qual o coeficiente desta variável não apresenta significância estatística, o IDHM mantém-se alto e positivo. Isto quer dizer que

⁸ Por conta da limitação de espaço não foi possível tratar do segundo modelo elaborado em que a variável dependente é a votação para governador. Os resultados preliminares indicam que as transferências do governo beneficiam em grande medida os candidatos a governadores do PT, ao mesmo tempo em que existe uma forte relação entre os candidatos a deputados federais deste partido e os candidatos a governadores.

o eleitorado dos deputados federais do PT encontra-se em grande medida em municípios com maior desenvolvimento humano.

Quanto às transferências do governo, os coeficientes se mantêm negativos ao longo das cinco eleições, quer dizer, o eleitorado dos deputados federais do PT não são dependentes das transferências do governo, o que reforça a ideia da continuidade do perfil do eleitorado dos deputados, mantendo-se igual ao período em que o partido esteve na oposição. Ao mesmo tempo, nada se pode afirmar com relação à variável renda proveniente do trabalho, uma vez que das cinco eleições, três não apresentam coeficiente com significância estatística.

Desse modo, conclui-se que o perfil do eleitorado dos deputados federais do PT se manteve constante: quando na oposição, entre 1994 até as eleições de 2002, era evidente que a presença do candidato à presidência do PT “puxava” os votos dos deputados federais e o perfil dos seus eleitores coincidiam. Contudo, quando no governo, a relação da votação de presidentes e deputados diminui e o perfil do eleitorado dos deputados federais se mantém o mesmo de quando o partido estava na oposição.

Conclusões

Apesar do afastamento das bases eleitorais de Lula e do PT, não se observa uma queda do número de deputados eleitos, e as bancadas deste partido em 2006 e 2010 se mantêm maiores do que nas décadas de 1980 e 1990. O estudo revelou que, ao contrário do que ocorre com o presidente, o perfil do eleitorado dos deputados federais se mantém o mesmo, centrado em municípios com alto índice de desenvolvimento humano e não dependentes de transferências do governo. Desta forma, a hipótese de Zucco (2008) não pode ser aplicada a este caso. Acredita-se que a manutenção do perfil do eleitorado

dos deputados pode estar relacionada à manutenção do ativismo político e à ligação com organizações comunitárias nos moldes das décadas passadas.

A contribuição do trabalho foi demonstrar como se dá a lógica da nacionalização do PT, por meio da análise do aumento de sua bancada na Câmara dos Deputados. Chegou-se a conclusão de que entre os anos de 1994 e 2002 a figura do candidato à Presidência da República foi a responsável por “puxar” a votação dos deputados, apesar de que a presença anterior de governadores do PT nos estados também seja um fator importante. No entanto, a partir de 2006, com o distanciamento das bases eleitorais do presidente e dos deputados, o papel dos governadores de estado na votação dos deputados começa a ganhar importância.

Este estudo ainda deve ser complementado com análises mais específicas com relação ao papel do governador neste processo. Também se faz necessário um estudo comparativo com outros partidos a fim de se verificar se esta lógica de nacionalização é a regra ou se é observável apenas para o PT. Estes devem ser objetos das próximas pesquisas.

Referências

- NICOLAU, J. & PEIXOTO, V. Uma disputa em três tempos: uma análise das bases municipais das eleições presidenciais de 2006. Anais do XXI Encontro Anual da *Anpocs*, Caxambu. 2007.
- SOARES, G. & TERRON, S. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise espacial). *Opinião Pública*, Campinas, vol.14, nº2, 2008.
- TERRON, S. *A composição de territórios eleitorais no Brasil: uma análise das votações de Lula (1989 – 2006)*. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Orientador: Jairo Nicolau, 2009.
- TERRON, S. & SOARES, G. As bases eleitorais de Lula e do PT: do distanciamento ao divórcio. *Opinião Pública*, Campinas, vol.16, nº2, 2008.
- ZUCCO, C. The President's 'New' Constituency: Lula and the pragmatic vote in Brazil's 2006 presidential elections. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, vol 40, 2008.